

Nínie como espelho da cidade contemporânea: uma leitura hermenêutica de Jn 3-4 frente aos desafios da evangelização urbana

Thiago Pedro Galdino da Silva¹

Resumo: O presente Artigo propõe uma Leitura Hermenêutica de Jonas 3-4 em diálogo com os desafios da Evangelização Urbana Contemporânea. Por meio de Pesquisa Bibliográfica e Análise Teológico-Exegética, investiga-se como a experiência missionária de Jonas em Nínie revela aspectos presentes nas grandes cidades atuais, tais como pluralismo cultural, violência, resistência à conversão e necessidade de misericórdia. Os resultados evidenciam que a cidade constitui um espaço privilegiado da ação salvífica de Deus e desafia a Igreja a assumir uma postura missionária, marcada pelo anúncio profético, pela acolhida e pela conversão pastoral permanente.

Palavras-chave: Profeta Jonas. Misericórdia. Conversão.

9

1 Introdução

A cidade tornou-se, hoje, o espaço privilegiado da experiência humana. É nela que se concentram cultura, economia, comunicação, conflitos, desigualdades e, também, as mais profundas buscas espirituais. A Missão Evangelizadora da Igreja, portanto, encontra, no ambiente urbano, não apenas um campo de ação, mas um verdadeiro Lugar Teológico. Desse modo, a Palavra de Deus revela que a relação entre Fé e Cidade não é nova; já nas Escrituras, encontramos Cidades que se tornaram palco do encontro entre Misericórdia Divina e resistência humana.

Nessa perspectiva, faz-se necessário ressaltar que entre essas cidades, destaca-se Nínie, apresentada no livro do Profeta Jonas como uma cidade grande, violenta e distante de Israel em cultura e espiritualidade. Sendo assim, a Narrativa de Jonas não é apenas Histórica ou Moral, pois se trata de uma Reflexão Teológica sobre a Missão, a Resistência do Evangelizador e a Misericórdia Universal de Deus. Como afirmam Alonso-Shökel e Sincre-Diaz, há aqui dois modos de leituras para entender esse livro: “um corresponde aos opressores: converte-se”, enquanto “o outro cabe a Israel: aceitar que Deus os perdoe” (Alonso-Shökel; Sincre-Diaz, 1991, p. 1043). Assim, esta pesquisa propõe uma leitura do Livro de Jonas 3-4 como espelho hermenêutico das Cidades Contemporâneas e como Fundamento Bíblico para a Evangelização Urbana.

¹ Bacharel em filosofia pela Unicap e graduando em teologia pela Unicap. E-mail: thiago.00000848670@unicap.br



2 Nínive: a grande cidade e seu horizonte profético

Para compreender Nínive como espelho das metrópoles contemporâneas, faz-se necessário, antes de tudo, situá-la em seu cenário histórico e político original. Nínive foi a capital do império Assírio, especialmente no auge de seu poder entre os séculos VIII e início do VII a.C., sob o reinado de Senaqueribe, na qual tornou-se um símbolo da violência e opressão para os povos da época, inclusive contra Israel. Sendo assim, Nínive “ficara na consciência de Israel como Símbolo do Imperialismo, da agressividade mais cruel contra o povo de Deus” (Alonso-Shökel; Sincre-Diaz, 1991, p. 1042).

As Escrituras revelam um panorama da maldade, da violência e da ira de Deus sobre o Império Assírio e a grande Nínive. No livro do Profeta Isaías, percebe-se o peso da mão de Deus mediante a Impiedade do Império: “ai da Assíria, bastão da minha ira, vara do meu furor em minha mão! Contra uma Nação ímpia, eu a envio, contra um povo que me enfurece, eu a despacho, para que tome os despojos e saqueie a presa, fazendo dele um lugar pisoteado como o lodo das ruas” (Is 10,6). O Profeta vai mais além, ao revelar o fechamento do coração deste povo em relação aos demais: “ela (Assíria), porém, não pensa assim, e seu coração planeja outra coisa: no seu coração está o desígnio de esmagar e liquidar grande número de nações” (Is 10,7).

Já no livro do Profeta Sofonias (VII a. C.), percebe-se a ira de Deus sobre a tirânica Nínive: “Ele (Deus) estenderá sua mão contra o Norte, destruirá a Assíria e fará de Nínive uma desolação, árida como o deserto” (Sf 2,13). Além disso, no livro do profeta Naum, analisa-se a profecia de uma queda iminente de Nínive como Julgamento Divino por sua maldade, e ao mesmo tempo, sendo um sinal de esperança ao povo de Deus que sofria sob o domínio assírio (Na 1-3).

Nessa perspectiva, é provável que para um israelita dos séculos VIII a.C. e VII a.C., quando o Profeta Jonas, historicamente, teria vivido, Nínive representava o símbolo máximo da opressão. Os assírios, por sua vez, eram conhecidos pela crueldade militar e pela violência extrema contra as populações civis. Essa cidade assíria era descrita como grande demais, levando três dias para ser atravessada (Jn 1,2;3,2-3), o que indica não apenas a extensão geográfica, mas a complexidade social, econômica e política. Desse modo, quando Jonas recebe a ordem divina para ir a Nínive e clamar contra ela, o Profeta não é enviado a um lugar neutro ou amigável, mas ao coração do Império “inimigo”.

Desse modo, percebe-se que esse cenário já antecipa, de certa forma, um primeiro grande desafio da evangelização urbana contemporânea: a Igreja é chamada a anunciar o Evangelho, não apenas em ambientes favoráveis ou culturalmente cristãos, mas nas Cidades que lhe são hostis, indiferentes, com altos índices de



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

criminalidade e radicalmente plurais. O trabalho profético de Jonas ensina que a missão urbana começa com a disposição de sair do conhecido, do seguro e do familiar, para adentrar o território do outro, ou melhor, do migrante, do que pensa diferente, do que vive em lógicas seculares ou religiosas distantes da Tradição Bíblica.

Na Teologia do livro de Jonas, Nínive se torna mais do que um cenário histórico. Ela é um verdadeiro Espaço Teológico — lugar onde Deus age, revela-se e manifesta sua Vontade Salvífica. Nota-se que essa grande cidade (Jn 1,2;3,2-3; 4,11) é apresentada tanto como símbolo do pecado quanto a grande cidade pagã, distante da fé de Israel. Um lugar da graça, haja vista que Deus sente compaixão daquele povo que não sabe diferenciar o certo do errado: “eu não terei compaixão de Nínive, [...] na qual há mais de cento e vinte mil pessoas que não distinguem entre direita e esquerda?” (Jn 4,11).

Se por um lado, a má fama de Nínive chega aos Céus: “sua maldade subiu até mim” (Jn 1,2), o que associa sua violência à injustiça estrutural. Os niniuitas não conhecem a diferença entre a mão direita e a esquerda, ou melhor, podemos dizer que eles vivem uma espécie de analfabetismo ético e espiritual. Essa caracterização denuncia, diretamente, os problemas das grandes Cidades Contemporâneas: desigualdade social gritante, violência urbana, solidão em meio à multidão, pluralismo religioso indiferente, secularismo prático e uma cultura muitas vezes marcada pelo esquecimento de Deus.

Por outro lado, Nínive não é condenada sumariamente, visto que Deus envia um profeta para que a cidade tenha a oportunidade de se converter das más condutas: “levanta-te, vai a Nínive, a grande cidade, e prega contra ela” (Jn 1,2). Tal constatação funda uma teologia urbana positiva e audaciosa: a cidade não é, intrinsecamente má, ou abandonada por Deus, pelo contrário, é nela que Deus deseja manifestar a Misericórdia. Onde abundou o pecado, a fama violenta de Nínive, superabunda a graça misericordiosa de Deus (Rm 5,20). Dessa forma, Nínive torna-se um arquétipo da condição urbana contemporânea: imensa, complexa, cheia de contradições, mas também lugar privilegiado do encontro entre o clamor humano e a compaixão divina.

3 Entre a fuga e a compaixão: resistência profética e misericórdia divina

Diante desse panorama histórico-teológico-pastoral adentramos em um dos temas mais críticos e desafiadores da Igreja hodierna: o comodismo e o antiprofetismo de muitos cristãos. A priori, o profeta Jonas, filho de Amitai (2Rs 14,25; Jn 1,1) foi escolhido e eleito por Deus para levar a luz da esperança e da graça a Nínive, a qual estava preenchida pelas trevas da maldade humana. Não obstante, o relato bíblico reforça a resistência do profeta no anúncio da Palavra para a conversão da grande cidade. Jonas, ao fugir da missão (Jn 1,3), deixa de lado seu papel profético (anunciar,



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

denunciar e proclamar) para assumir um antiprofetismo advindo das dores e chagas de um povo ferido pela opressão inimiga.

O relato mostra que o profeta tinha consciência da misericórdia divina e da complacência pelos males cometidos (Jn 4,2). Todavia, o fato de estar revestido de pré-conceitos religiosos, sociais e culturais leva-o a fugir para longe da face de Deus a uma cidade chamada Társis (Jn 1,3). Nesse viés, constata-se que Jonas tinha plena consciência do chamado Divino e da importância de sua pregação contra a impiedade daquele povo. Mas preferiu fugir, fechar-se em si mesmo com o muro da indiferença, a fim de manter-se fiel à Consciência Israelita da época.

12

Esta perícopes revela-nos uma das atitudes mais antiproféticas de Jonas: o egoísmo e a falta de misericórdia com o diferente. No final do quarto capítulo, Deus faz crescer sobre o Profeta uma árvore chamada mamoreira, a fim de fazer-lhe sombra no intuito de curá-lo de seu mau humor, e no dia seguinte, faze-a secar (Jn 4,6-11). O impressionante disso tudo é que Jonas sente misericórdia pela mamoreira que secou e não sente compaixão dos ninivitas. Contudo Deus o questiona: “Tens compaixão da mamoreira, pela qual não te afadigaste [...]. E eu não terei compaixão de Nínive, a Grande Cidade, na qual há mais de cento e vinte mil pessoas, que não distinguem entre sua direita e a esquerda?” (Jn 4,10-11).

Sendo assim, ele teme, na verdade, que Nínive se converta e que Deus a perdoe. Ou seja, a resistência de Jonas é uma resistência à Lógica Universal da Misericórdia; ele prefere o castigo do inimigo à possibilidade de sua salvação, a ponto de esperar, para ver o que aconteceria com a cidade após sua missão (Jn 4,5). Esse retrato serve como um espelho incômodo para as omissões proféticas contemporâneas no Contexto da Evangelização Urbana. Rangel afirma que:

Jonas quer viver para um Deus de justiça, não para um Deus de misericórdia. Jonas representa a compreensão humana limitada de amor e de bondade, de um amor que só é verdadeiro dentro dos padrões e normas. É mais fácil crer em um Deus que castiga e julga, do que crer em um Deus que ama e perdoa incondicionalmente. Crer num Deus que ama é assumir a minha condição limitada. Quando não consigo isso, produzo uma sociedade desigual. Neste sentido, preciso do Deus que castiga, para jogar aos Céus a responsabilidade que é minha: a de fazer um mundo melhor, baseado no amor e justiça (Rangel, 2022, p. 43-44).

Quantas vezes a Igreja, seus pastores e agentes pastorais fogem da cidade? Não necessariamente uma fuga geográfica, mas uma fuga simbólica e pastoral: refugiar-se em nichos seguros (comunidades fechadas, movimentos intraeclesiais, bairros homogêneos). Evitam as periferias existenciais e geográficas, recusam o diálogo com o pluralismo urbano, ou simplesmente desanimam diante da imensidão do desafio da cidade. A fuga de Jonas também revela, provavelmente, uma tentação sutil: o



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

exclusivismo religioso que não quer que “os outros”, ou melhor, os diferentes, os não praticantes, os pecadores públicos, recebam a mesma graça que nós recebemos.

Infelizmente, é notório que ainda há, na atualidade, muitas teologias que insistem em tratar Deus como um vingador, ou Aquele que castiga a quem transgrede os mandamentos. Entretanto, é fato que, ao analisar as Sagradas Escrituras, deparamo-nos com um Deus “compassivo e clemente, lento para a ira e rico em bondade” (Jn 4,2), ou ainda, “e eu não terei compaixão de Nínive, Grande Cidade [...]?” (Jn 4,11). Ao longo da história do povo de Deus, é nítida a presença desse amor misericordioso que se faz presente (Sl 103; Sl 136; Lm 3, 22-23; Mq 7, 18; Lc 6,36), haja vista que ele não trata o ser humano conforme suas faltas (Sl 103,10).

13

Nessa perspectiva, a Igreja como mãe e mestra tem por finalidade, propagar a Boa Nova do Evangelho a toda criatura, como nos diz o papa Paulo VI: “Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade” (*Evangelii Nuntiandi*, n. 14). Somado a isso, é importante ressaltar que esse anúncio jamais pode vir separado do Amor Misericordioso de Deus como nos afirma o Papa Francisco: “nada pode ser desprovido da Misericórdia. A credibilidade da Igreja passa pela estrada do Amor Misericordioso e Compassivo” (*Misericordiae Vultus*, n. 10), e reafirma ainda que a Igreja “vive um desejo inexaurível de oferecer Misericórdia” (*Evangelii Gaudium*, n. 24).

Portanto, a Misericórdia deve ser vista como um ato sensível do amor de Deus e essa deve ser a missão de todo cristão: sair de si mesmo, do egoísmo, da indiferença e anunciar o rosto misericordioso de Deus ao mundo chagado pela violência, indiferença e pecado. Eis o desejo do Papa Francisco para a Igreja dos tempos hodiernos: “prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (*Evangelii Gaudium*, 49).

Devemos buscar uma Evangelização sem exclusivismo, que contemple a todos: desde reis (poderosos), até os demais cidadãos e os animais (Jn 3,7-9). A Missão da Igreja é universal, haja vista que Deus “faz nascer o seu Sol sobre maus e bons e faz descer a chuva sobre justos e injustos” (Mt 5,45). O Papa Francisco enfatiza, portanto, a urgência de uma Nova Evangelização:

Quanto desejo que os anos futuros sejam permeados de misericórdia para ir ao encontro de todas as pessoas, levando-lhes a bondade e a ternura de Deus! A todos, crentes e afastados, possa chegar o bálsamo da misericórdia como sinal do Reino de Deus já presente no meio de nós (*Misericordiae Vultus*, n. 5).



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

4 A Palavra que transforma: centralidade do querigma no anúncio profético

Desde os primórdios, a Palavra de Deus mostra-se como um remédio e consolo para o povo sedento e chagado (Is 41,10; Sl 33(34); Pr 4,20-22; Lm 3,22-23). Porém, no livro de Jonas percebe-se a centralidade desta mesma palavra, usada para converter os niniuitas: “A palavra do Senhor veio a Jonas” (Jn 1,1); “e a palavra do Senhor veio a Jonas uma segunda vez: [...] proclama a mensagem que eu te digo” (Jn 3,1-2), isto é, Deus quis manifestar ao Profeta essa Palavra de transformação e mudança de vida para aquela cidade má. O Profeta sabe que já não pode mais fugir da Missão de Anunciar a Palavra à grande cidade e assim o faz (Jn 3,3).

É fato que aqui acontece um ato muito simples, apenas o puro anúncio do juízo iminente. E, no entanto, toda a cidade se converte: os habitantes, do maior ao menor, e até o rei, que desce do trono, tira suas vestes reais e veste saco e cinza (Jn 3,5-8). A lição é teologicamente central para a evangelização urbana contemporânea: o agente da conversão não é o pregador, mas a Palavra de Deus que ele porta. Jonas não confiava em sua própria retórica; ele havia fugido justamente, porque não queria que sua pregação fosse eficaz. Mas a Palavra, uma vez anunciada, tem poder em si mesma. Isso corrige uma ansiedade comum nas discussões sobre Evangelização Urbana: a preocupação excessiva com métodos, técnicas, linguagens adaptadas, planejamento estratégico ou resultados mensuráveis. Todos esses elementos têm seu lugar, mas não são o coração da missão.

A Palavra de Deus, por muitas vezes, é esquecida e deixada como segundo plano, frente aos planejamentos pastorais e as atividades missionárias, principalmente nos grandes centros urbanos. Todavia, o núcleo de toda Missiologia da Igreja deve ser o Querigma: o anúncio essencial de que Deus, em Cristo, venceu o pecado e a morte e chama todos à conversão. Em Nínive, esse núcleo foi anunciado na forma negativa (juízo iminente), mas, na história concreta de Israel e da Igreja, ele se revela plenamente na pessoa de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, o Verbo de Deus que se fez carne (Jo 1,14).

Por isso, sem a Bíblia, não há Missão nem Conversão verdadeira, “é como se a Igreja quisesse Evangelizar silenciando o próprio Jesus” (Documento 111 da CNBB, n. 3). É a Palavra que transforma os corações e as sociedades. Ela é o fundamento de toda Ação Evangelizadora, uma vez que continua sendo, desde os primórdios, viva e eficaz. É pela Palavra que penetramos as realidades urbanas mais difíceis, e, assim, convertemos as Nínives de hoje, uma vez que sem a Palavra Divina não pode haver, efetivamente missão, conversão e até mesmo uma Pastoral Urbana autêntica. A Evangelização nasce da Escuta e da Proclamação: “a palavra de Deus chega aos corações e, por meio de corações convertidos, transforma Sociedades e resgata o Planeta” (Documento 111 da CNBB, n. 73). Urge, portanto, a necessidade de colocar as



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

Sagradas Escrituras como o centro da vida e da Evangelização da Boa Nova de Cristo, assumindo o papel profético de anunciar até onde não gostaríamos.

5 Considerações finais

A leitura hermenêutica de Jn 3-4 revela que Nínive não é apenas uma cidade antiga, mas um arquétipo da condição urbana contemporânea: grande, violenta, plural, distante e, ao mesmo tempo, sedenta de misericórdia. Jonas, por sua vez, espelha as ambiguidades do evangelizador de hoje, isto é, as fugas, os medos, o exclusivismo disfarçado de zelo religioso. No entanto, o protagonista da narrativa não é Jonas nem Nínive, mas a Palavra de Deus que irrompe na história e a misericórdia divina que surpreende tanto o pecador quanto o Profeta.

Assim, a evangelização urbana não pode ser realizada, a partir de uma posição de julgamento distante ou de fuga estratégica. Exige, ao contrário, uma Igreja que seja: Profética, que anuncia o querigma sem medo; acolhedora, que confia na misericórdia de Deus para com todos; e em contínua conversão a qual reconhece as próprias resistências. A cidade, longe de ser apenas um problema pastoral, é um lugar teológico privilegiado onde Deus manifesta sua compaixão, preferencial por aqueles que “não sabem distinguir a mão direita da esquerda” (Jn 4,11). Evangelizar a cidade é, pois, assumir o olhar misericordioso de Deus sobre as Nínives, hoje e sempre, haja vista que “Deus habita esta Cidade” (Sl 47,9).

15

Referências

SCHÖKEL, L. A.; DIAZ, J. L. S.. **Profetas II**: Ezequiel, Profetas Menores, Daniel, Baruc e Carta de Jeremias. 3ª ed. São Paulo: Paulinas 1991.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Bíblia Sagrada**: tradução oficial da CNBB. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **E a Palavra habitou entre nós (Jo 1,14)**: animação bíblica da pastoral a partir das comunidades eclesiais missionárias. Brasília: Edições CNBB, 2022. (Documentos da CNBB, n. 111).

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Roma: Vaticana, 24 nov. 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 11 maio 2026.

FRANCISCO, Papa. **Misericordiae Vultus**: bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. São Paulo: Paulinas, 2015.

PAULO VI, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi**: sobre a evangelização no mundo contemporâneo. Roma: Vaticana, 8 dez. 1975. Disponível em:



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 11 maio 2026.

RANGEL, Alexandre. Jonas: cuidar do ser, cuidar do outro. **Estudos Bíblicos**, São Paulo, v. 19, n. 72, p. 36-48, 2022. Disponível em:

<https://revista.abib.org.br/EB/article/view/852>. Acesso em: 12 maio. 2026.

